

A EDUCAÇÃO POPULAR NO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE DO RIO GRANDE DO SUL: RENOVAÇÕES E PERMANÊNCIAS

PALUDO, Conceição*

SANTOS, Magda Gisela Cruz dos**

TADDEI, Paulo Eduardo Dias***

RESUMO

Parte de uma pesquisa mais ampla, o artigo apresenta uma análise sobre a Educação Popular (EP) no processo de constituição do Levante Popular da Juventude no Estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se compreender como a EP é definida e vivenciada pelo movimento. O referencial teórico metodológico utilizado foi o materialismo histórico-dialético e as técnicas de pesquisa foram a bibliográfica, a análise documental e as entrevistas semiestruturadas. A análise dos resultados permitiu concluir que as práticas formativas do Levante apresentam características próximas aos denominados novos movimentos sociais e, ainda assim, mantêm alguns lineamentos teóricos da perspectiva marxista, de cunho popular, como a centralidade do conceito de classe social e de projeto popular. No Levante, a experimentação, traduzida na autonomia, no protagonismo, na organização, nas atividades de enfrentamento e na vivência de valores humanos, é prioridade na prática cotidiana. É nesse movimento constante que ocorre centralmente o processo formativo dos jovens e se evidencia a secundarização da formação de cunho teórico, o que constitui um grande desafio para a qualificação das intervenções do próprio movimento.

Palavras-chave: Levante Popular da Juventude. Educação Popular. Movimentos sociais. Teoria crítica. Atualidade.

*Conceição Paludo é Doutora em Educação e atua na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: c.paludo1@hotmail.com

**Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Mestre em Educação pelo mesmo programa. Atualmente é bolsista CAPES. Email: magdacs81@yahoo.com.br

***Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Mestre em Educação pelo mesmo programa. Email: paulotaddei.tutor@gmail.com

POPULAR EDUCATION IN THE LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE (RS, BRAZIL): RENEWAL AND CONTINUITY

PALUDO, Conceição*

SANTOS, Magda Gisela Cruz dos**

TADDEI, Paulo Eduardo Dias***

ABSTRACT

Abstract: This article, part of a larger research, presents an evaluation of Popular Education (PE) practices in the formation process of Levante Popular da Juventude (Popular Rising of the Youth) in the state of Rio Grande do Sul (Brazil). We tried to understand how PE is defined and experienced in this social movement. Our theoretic and methodological references are based on historical-dialectical materialism, and applied by means of bibliographical research, documental analysis and semi-structured interviews. The analysis of the results allowed us to conclude that the formative practices of the Levante possesses characteristics similar to those of the so-called new social movements but still keeping some theoretical alignments with the Marxist perspective of popular demand, with some central concepts as social classes and the popular project. Experimentation, in the Levante, is prioritized on everyday practices; and it can be understood as autonomy, protagonism, organization, and confront activities and experiences based on human values. Within this constant movement is where the formative process of the youth happens, and there it becomes clear that theoretical formation occupies a secondary position. This constitutes a great challenge for the qualifying of the interventions of the movement itself.

Key-words: *Levante Popular da Juventude. Popular Education. Social Movements. Critical theory. Actuality.*

* Doctor of Education degree and works for the Federal University of Rio Grande do Sul. (UFRGS). Email: c.paludo1@hotmail.com

** Doctoral student of Education in the Federal University of Pelotas and Master in Education from the same institution. She currently receives a CAPES Scholarship. . Email: magdacs81@yahoo.com.br

*** Doctoral student of Education in the Federal University of Pelotas and Master of Education from the same institution. Email: paulotaddei.tutor@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Juventude é um conceito que surge com a sociedade moderna.

Falar em juventude é movimentar-se em um campo ambíguo de conceituação. A juventude se constitui enquanto categoria social, no que tange a definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta, apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no início do século XX. A juventude é uma invenção moderna, sendo, desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações (DIÓGENES, 1998, p. 93).

O estudo da trajetória histórica de articulação, mobilização, identidades, organização e intervenção de estudantes na dinâmica societária possibilita analisar que, no Brasil, a partir da República, os movimentos populares da juventude, notadamente na década de 1960, pós Ditadura Civil Militar, e nos anos 1990 até a atualidade, sempre se fizeram presentes (SANTOS, 2009; SOFIATI, 2008).

Entretanto, com a democracia formal consolidada na década de 1990, não mais existe uma unidade desses movimentos de caráter político em busca de um fim comum, como na década de 1960 (SPOSITO, 2000). A característica predominante que os autores estudados observam é de uma “geração individualista” que não “abre mão” dos seus desejos, o que dificulta as organizações em torno de causas coletivas (SPOSITO, 2000). O que se encontra é uma fragmentação em lutas específicas e não mais o questionamento do modelo societário dominante em sua totalidade – a discussão fica restrita ao campo da “política” do grupo de interesse. É o período em que predominam movimentos culturais, mas é, também, o período dos “caras pintadas” e de grande destaque para as lutas da juventude do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), um dos movimentos sociais que mais resistiram no enfrentamento do neoliberalismo.

Nesse contexto de fragmentação e dispersão social, o entendimento de movimento social é resignificado. Também a concepção de Educação Popular (EP), cujo processo de formulação e práticas inicia, no Brasil, na Primeira República, tendo um novo e importante impulso nos anos 1960, consolidando-se no processo de luta pela redemocratização do Brasil, é fortemente questionada. Fala-se em resignificação e ou refundamentação dessa concepção educativa que possuía como marca central estar vinculada aos interesses dos trabalhadores e aos processos de transformação social

(STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T., 2013; BRANDÃO, 2002; UNESCO. MEC. CEAAL,2005).

Diante do exposto, observou-se que o Levante Popular da Juventude, que emerge no Estado do Rio Grande do Sul no início dos anos 2000, constitui um objeto significativo para a compreensão da atualidade da Educação Popular. Além de investigar a origem e trajetória desse movimento, assim como seus objetivos, identidades, reivindicações e forma organizativa, esta pesquisa está direcionada pelo esforço de entendimento de como a Educação Popular é definida e praticada pelo mesmo.

O referencial teórico metodológico foi o materialismo histórico dialético, e o percurso metodológico foi organizado com as seguintes técnicas: a) pesquisa bibliográficaⁱ; b) análise documentalⁱⁱ; c) entrevista semiestruturadaⁱⁱⁱ. O processo contou com reuniões periódicas dos pesquisadores, nas quais se socializou o trabalho de pesquisa desenvolvido e se realizou a análise de dados e a sistematização do debate. A interpretação dos resultados buscou aprofundar o contexto de surgimento do Levante Popular da Juventude, considerando a emergência do neoliberalismo, no que diz respeito às proposições interpretativas da teoria crítica, conforme se apresenta no primeiro item do artigo. Em um segundo momento, resgatou-se alguns aspectos referentes ao debate sobre os movimentos sociais e a Educação Popular, que foram fundamentais para a análise dos resultados da pesquisa. A terceira etapa centrou-se na experiência do Levante Popular da Juventude, sua constituição, identidade e organicidade, e buscou-se desvelar a forma como a Educação Popular é formulada e praticada pelo movimento. Finalmente foram tecidas algumas considerações.

2 LINEAMENTOS SOBRE A TEORIA CRÍTICA NA ATUALIDADE E A FRAGMENTAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

A emergência do Levante Popular da Juventude se dá em um período resultante de uma série de transformações no mundo, ocorridas no pós-guerra, mas, principalmente, a partir do final dos anos 1960.

O neoliberalismo, que emerge com força nesse período, é direcionado por dois grandes centros econômicos do capitalismo, Estados Unidos e Inglaterra, que

*Conceição PALUDO, Magda Gisela Cruz dos SANTOS, Paulo Eduardo Dias TADDEI
A educação popular no levante popular da juventude do Rio Grande do Sul: renovações e permanências*

intensificam políticas de supervalorização do mercado em detrimento do social através, reciprocamente, dos governos Reagan e Thatcher, contribuindo para o aumento da concentração da riqueza em mãos de poucos, influenciando as relações econômicas internacionais e reduzindo a interferência do Estado na economia.

Sobre a “mudança na aparência” do capitalismo a partir da década de setenta, transformação que não altera a sua lógica acumulativa, constituindo-se em mais um momento de transição da crise capitalista do final do referido século, escreve Harvey:

Afirmei que por certo houve uma imensa mudança na aparência superficial do capitalismo a partir de 1973, embora a lógica inerente da acumulação capitalista e de suas tendências de crise permaneça a mesma. Precisamos considerar, porém, se essas mudanças assinalam o nascimento de um novo regime de acumulação capaz de conter as contradições do capitalismo durante a próxima geração ou se marcam uma série de reparos temporários, constituindo assim um momento transicional de dolorosa crise na configuração do capitalismo do final do século XX. (2014, p. 177)

Dos inúmeros acontecimentos que marcam decisivamente o período compreendido entre os anos 1970 até a primeira década deste século, podemos citar os seguintes: a ascensão do neoliberalismo; as metamorfoses do mundo do trabalho; a crise das esquerdas com a queda do Muro de Berlim, momento simbólico do fim da Guerra Fria; o fim do socialismo real; a revolução científica e tecnológica; as invasões ocidentais no Oriente Médio, assim como a agonia da socialdemocracia e de sua proposta de humanização do capitalismo.

Referente à proposta reformista da socialdemocracia em contraposição à perspectiva revolucionária do socialismo, Chauí atesta que

O núcleo duro do pensamento socialdemocrata afirma que o socialismo, entendido como a propriedade coletiva dos meios de produção, pode e deve ser alcançado por reformas progressivas impostas ao capitalismo ou à propriedade privada dos meios de produção, e não por uma revolução. Entre o capitalismo e a revolução intercala-se um novo caminho, o da reforma, que humaniza o sistema capitalista e acumula forças para passar pacificamente ao socialismo. Historicamente, os partidos socialistas e a socialdemocracia começaram afirmando que o socialismo é a propriedade coletiva dos meios de produção e dos meios de distribuição. Opuseram-se não só à ideia de revolução, mas também aos Estados totalitários e fizeram resistência ao capitalismo no interior do próprio sistema. (2011, p. 132)

Ainda, segundo Chauí (2011, p. 328), nos anos 1990, a socialdemocracia emerge no cenário político da Grã-Bretanha e dos EUA com a denominação de “terceira via”, com uma finalidade claramente eleitoral: “oferecer uma nova cara para o Partido Trabalhista inglês, fustigado pelo thatcherismo, e recuperar o prestígio eleitoral do Partido Democrata norte-americano”.

No tocante às metamorfoses no mundo do trabalho, que estão articuladas com a mudança na aparência do capitalismo, afirma Antunes:

O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do *desemprego estrutural*, que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma *processualidade contraditória* que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho *precário* e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior *heterogeneização, fragmentação e complexificação* da classe trabalhadora. (2011, p. 47)

O colapso do comunismo soviético, no final dos anos oitenta e, por consequência, do comunismo do Leste europeu, que para alguns significou o “fim da história” e a “vitória do capitalismo”, atingiu fortemente o pensamento das esquerdas em todo o mundo, gerando perplexidade nos primeiros momentos, para, somente depois, começar-se uma avaliação mais qualificada do ocorrido, a partir de uma autocrítica que conduziu à reformulação e a atualização do pensamento socialista. Sobre o colapso do comunismo, refere Hobsbawm:

Qual o significado histórico de 1989, o ano em que ocorreu o colapso do comunismo no Leste europeu, repentina e presumivelmente de forma irrevogável, antecipando o colapso do regime existente na União Soviética e a ruptura de sua estrutura multinacional? É jogo perigoso dar um diagnóstico instantâneo, quase tão perigoso quanto a profecia instantânea. As únicas pessoas que nele mergulham sem hesitar são aquelas que esperam que seus diagnósticos e suas profecias sejam instantaneamente esquecidos (como jornalistas e comentaristas) ou que não sejam lembrados após uma ou duas eleições (como políticos). Mesmo assim, há momentos quando acontecimentos concentrados em um curto espaço de tempo, não importa como os interpretemos, são obviamente históricos e imediatamente reconhecidos como tal. O ano da Revolução Francesa e 1917 foram tais momentos e 1989 foi claramente outro. Como interpretá-lo? (1992, p. 93)

Nesse período também acontece o que foi chamado de “guerra de civilizações”; o ocidente, liderado pelos Estados Unidos, contra parte do mundo árabe, com ênfase para os seguintes fatos: a Guerra do Golfo de 1991, os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA e a invasão do Afeganistão e do Iraque, respectivamente, em outubro de 2001 e março de 2003, atingindo o equilíbrio político e de forças na região e possibilitando a expansão do fundamentalismo.

No período analisado, no campo da teoria crítica^{iv}, prevalecem as seguintes tendências: o marxismo ortodoxo, o marxismo não ortodoxo e os chamados pós-modernos (FILHO, 1998).

A primeira corrente trabalha com uma perspectiva de determinismo econômico e uma leitura mecanicista da realidade. Teve predomínio na Segunda Internacional e no stalinismo, sendo dominada, basicamente, pelos fatores econômicos macroestruturais da sociedade. A segunda, conhecida também por marxismo ocidental, emerge após a Segunda Guerra Mundial, influenciada pelos trabalhos de Rosa Luxemburgo, Gramsci, Lukács e a Escola de Frankfurt.

Sobre o tema, afirma Gohn:

Sabemos que o paradigma marxista clássico tem duas grandes correntes. Uma ligada ao jovem Marx e a seus estudos sobre consciência, alienação e a ideologia etc., e que criou uma tradição histórica humanista que teve continuidade nos trabalhos de Rosa Luxemburgo, Gramsci, Lukács, e da Escola de Frankfurt após a Segunda Guerra Mundial. Será esta leitura do marxismo que alimentará as análises contemporâneas sobre os movimentos sociais. A outra corrente decorre dos trabalhos do Marx “maduro”, após 1850, e seus estudos sobre o desenvolvimento do capital, em que os conceitos básicos serão formação social, forças produtivas, relações de produção, superestrutura, ideologia, determinação em última instância, mais valia etc. Esta corrente privilegia os fatores econômicos, macroestruturais da sociedade. (1997, p. 172)

Escreve, ainda, a autora:

[...] Estes parâmetros gerais geraram leituras mecanicistas e deterministas da realidade social, como as predominantes na Segunda Internacional, nas primeiras décadas deste século, ou as realizadas durante o período stalinista na Rússia. Elas foram rejeitadas tanto por teóricos não-marxistas como por marxistas. Entre estes últimos estão Manuel Castells, Jean Lojkine, Claus Offe, Laclau e a corrente dos historiadores liderada por Hobsbawm, E. P. Thompson e G. Rudé, os quais constituíram a corrente de estudo sobre os movimentos sociais

na Europa sob o paradigma denominado neomarxista (GOHN, 1997, p. 172-173).

Com o advento do estado burocrático, após a morte de Lênin, ocorre a destruição da “unidade revolucionária entre a teoria e a prática obtida pela revolução de outubro. Todo o trabalho teórico sério cessou, e o país mais avançado do ponto de vista intelectual se converteu rapidamente em um pátao” (GOHN, 1997, p. 52-53). Após a Segunda Guerra Mundial, sucede-se um período de trinta anos de prosperidade econômica do capitalismo europeu e americano, o mesmo não acontecendo nos países tutelados pela União Soviética, nos quais “produziram-se crises e ajustes depois da morte de Stalin, mas sem modificações fundamentais em seu funcionamento” (GOHN, 1977, p. 53). Neste cenário econômico é que nasce o denominado “marxismo ocidental”.

Sobre este período, Amadeo (2006, p. 53) assevera que “Entre meados da década de vinte e os levantamentos de 1968, o marxismo ocidental se desenvolveu de maneira vigorosa, mas longe de toda prática política de massas”. Neste momento histórico, o marxismo abandona as análises econômicas do capitalismo e as análises políticas do estado burguês, bem como das estratégias para sua superação, deslocando seu eixo para a filosofia. Inverte-se o percurso trilhado pelo marxismo clássico, da filosofia, passando pela política para chegar à economia política. A produção do discurso marxista desloca-se gradualmente, segundo Amadeo (2006, p. 54), “dos partidos socialistas e comunistas e dos sindicatos operários para as universidades e para os institutos de pesquisa”.

O marxismo ocidental, escreve Amadeo (2006, p. 53), “se estruturou a partir dos trabalhos de uma série de destacados intelectuais provenientes de regiões ocidentais da Europa: Lukács, Korsch, Gramsci, Benjamin, Marcuse, Horkheimer, Adorno, Della Volpe, Colleti, Lefebvre, Sartre e Althusser”. A característica principal deste movimento, refere o supracitado autor, é o progressivo e lento distanciamento entre este marxismo e a prática política, que foi se perdendo, pouco a pouco, em meados do século posterior à Primeira Guerra Mundial.

No tocante à terceira tendência da teoria crítica, na década de setenta emerge um movimento que passa a influenciar o pensamento francês: em um primeiro momento, espalhando-se depois para o mundo, é inspirado principalmente em Heidegger e em Nietzsche^v, que tem como principais expoentes Kristeva, Lyotard, Derrida, Foucault,

Deleuze, Guattari e Baudrillard, o qual ficou conhecido como pós-moderno ou pós-modernista.

O “batizado” deste novo movimento, não homogêneo, pode ser encontrado no primeiro parágrafo da introdução da obra “A condição pós-moderna”, de Jean François Lyotard:

Este estudo tem por objeto a posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se chamá-la de “pós-moderna”. A palavra é usada, no continente americano, por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX. Aqui, essas transformações serão situadas em relação à crise dos relatos (LYOTARD, 2009, p. 15).

Terry Eagleton, embora reconhecendo a distinção entre pós-modernismo e pós-modernidade, adota a expressão “pós-modernismo” na obra *As ilusões do pós-modernismo*, por ser, segundo ele, mais abrangente. Ele afirma:

A palavra *pós-modernismo* refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo *pós-modernidade* alude a um período específico. Pós modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades. [...] Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista que obscurece as fronteiras entre a cultura “elitista” e a cultura “popular”, bem como entre a arte e a experiência cotidiana. [...] Embora essa distinção entre pós-modernismo e pós-modernidade me pareça útil, não lhe dediquei especial atenção neste livro. Optei por adotar o termo mais trivial “pós-modernismo” para abranger as duas coisas, dada a evidente e estreita relação entre elas (EAGLETON, 1998, p. 03).

Moraes, em uma tentativa de explicar a “agenda pós-moderna”, afirma:

Não é de estranhar, portanto, que a pretensão de delimitar o sentido da agenda pós-moderna depare-se com uma pluralidade de propostas e interpretações, muitas vezes conflitantes entre si. Entre seus representantes mais notáveis – aliás, entre os representantes de qualquer uma de suas frações – existem diferenças marcantes e só

uma leitura superficial poderia incluí-los na mesma corrente de pensamento. Na verdade, o que se convencionou chamar de pós-moderno adquiriu tamanha abrangência que se transformou em um “conceito guarda-chuva”, um tipo de *catch all category*, mais propriamente uma “agenda”, dizendo respeito a quase tudo: de questões estéticas e culturais a filosóficas, político-sociais e educacionais. (2004, p. 340)

A característica comum que vincula os pensadores da mencionada “agenda” é a chamada crise dos grandes relatos (LYOTARD, 2009). Outras características presentes nesta tendência são: o ceticismo ontológico, o pragmatismo epistemológico, a “morte do sujeito moderno” (HALL, 2014, p. 17), a descrença em relação à existência de uma realidade objetiva, a consideração do saber científico como uma forma de discurso (LYOTARD, 2009), a substituição dos métodos da modernidade por jogos de linguagem, a função meramente narrativa do saber, a deslegitimação das utopias.

Vásquez, sobre algumas características do movimento pós-moderno, refere:

A negação do projeto emancipatório é, em suma, uma questão central não apenas teórica, mas também prática, política, já que desqualifica a ação e condena à impotência ou beco sem saída do desespero ao fundamentar – agora sim – a inutilidade de qualquer tentativa de transformar radicalmente a sociedade presente. (2002, p. 417)

No Brasil, a partir da consolidação da democracia formal, nos anos noventa, percebe-se não mais haver uma unidade política nos movimentos da juventude, e não só da juventude, mas no campo das esquerdas, na busca de um fim comum, como na década de 1960: a derrocada do regime civil militar e a transformação social, mas uma fragmentação em vários campos específicos de lutas, como racial, feminista, o Movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT), ambiental, etc., sem uma maior reflexão sobre a categoria do “antagonismo de classes” que atravessa todos esses movimentos. Na verdade, a mencionada categoria, elemento fundamental de análise marxista, deixa de ter relevância para os chamados novos movimentos sociais.

Neste sentido, escreve Boneti:

Em outras palavras, existe uma ordem mundial comandada por um projeto mundial de produção econômica e organização política que se apresenta ao mundo como um vetor hegemônico, buscando homogeneizar as relações econômicas, tecnologias de produção, hábitos culturais e demais habilidades. Os movimentos sociais,

Conceição PALUDO, Magda Gisela Cruz dos SANTOS, Paulo Eduardo Dias TADDEI
A educação popular no levante popular da juventude do Rio Grande do Sul: renovações e permanências

normalmente, apresentam-se como uma espécie de contra-hegemonia, não mais a partir de uma luta direta e específica de classe, mas a partir de uma problemática específica. Busca-se o resgate da individualidade, da diferença e da singularidade. Nessa ótica é que se inserem movimentos como o do MST no Brasil, opondo-se ao modelo dominante na tentativa do resgate da produção familiar ou coletiva, e demais movimentos internacionais como o feminismo, o movimento gay, o movimento negro, o movimento ecológico, etc. (2007, p. 66)

É, pois, neste “terreno movediço”, que atinge todas as áreas das relações humanas, que se dá a emergência do Levante Popular da Juventude, como um movimento de luta política e social do campo popular e democrático.

3 A EDUCAÇÃO POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: EM BUSCA DE REFERENCIAIS

Em estudo bibliográfico realizado anteriormente (PALUDO, 2015), foi possível identificar que a Educação Popular, enquanto uma concepção educativa, isto é, como direcionamento global do processo educativo, é um fenômeno latino-americano. No Brasil, ela se consolidou nos processos de lutas e resistências das classes populares, entre 1930 e 1960, período considerado desenvolvimentista, e após a ditadura civil militar, que ocorreu entre 1964, no processo de redemocratização da sociedade brasileira.

Outra conclusão do estudo citado indica que após a ditadura civil militar, a análise marxista, ainda que com diferentes matizes, sustentava que a educação reproduzia as relações econômicas e socioculturais mais amplas. Como fontes teóricas, também se constatou a importância de autores latino-americanos, como Martí, Mariátegui e Paulo Freire; as matrizes da Teologia da Libertação; do sindicalismo; a indigenista; dos movimentos urbanos, rurais e comunitários; do socialismo; da revolução; das artes, com o Teatro do Oprimido; e a da comunicação.

Constituído por ênfases e tendências diferenciadas, esses campos de forças políticas e culturais realizavam o exercício da contra-hegemonia, orientados por utopias da transformação social, cujos movimentos sociais populares, além de se constituírem no processo, tornaram-se sujeitos fundamentais. O “movimento de Educação Popular” se fez no interior desse processo, na direção da construção de fazer do povo expressão

política de si mesmo, por meio de organizações populares autônomas, imbuídas do desejo de construir o “poder popular”.

Nessa perspectiva, não se tratava somente de fazer para o povo, nem de entendê-la como educação escolar do povo, métodos e técnicas, cultura popular, saber das comunidades, educação de jovens e adultos ou educação permanente (BRANDÃO, 2002). É no interior do “Movimento de Educação Popular”, que acontece no interior do “movimento político e sociocultural mais amplo”, que vai sendo formulada a “concepção de Educação Popular” e esse mesmo Movimento também se constituía como formador, porque propiciava, na dinâmica política e organizativa dos diferentes movimentos sociais, a vivência concreta de outro modo de relações sociais e de compreensão da realidade.

Seu direcionamento permitia estabelecer o vínculo contra-hegemônico e de resistência entre a educação e os processos de produção da vida; educação e luta política; educação e classe social; educação e conhecimento; educação e cultura; educação e ética; e entre educação e projeto de sociedade (HURTADO, 1993). Queria-se fazer da educação uma prática social para a transformação da sociedade (TORRES, 2013). As expressões povo sujeito de sua história, autonomia, conscientização, organização, protagonismo popular, luta e transformação indicavam a orientação das práticas, assim como o “fazer com”, trabalhado conceitualmente como práxis e por vezes como o movimento permanente entre prática-teoria-prática, ver-julgar-agir ou ação-reflexão-ação, era considerado a lógica metodológica, permeada pela relação entre os saberes populares e o conhecimento historicamente acumulado, pela sistematização, pela pesquisa-ação participante e pelo diálogo, que orientava os métodos, técnicas e procedimentos, incluindo os processos avaliativos, dos múltiplos processos e práticas educativas que se instauraram na América Latina (PALUDO, 2015, p. 227-228).

Como se analisou no item anterior, foi nos anos 1960 que, paralelamente ao processo das transformações em curso, foram sendo formuladas as novas teorias sobre os movimentos sociais. No Brasil, uma obra emblemática é a de Gohn (1997), que apresenta uma síntese das principais teorias explicativas dos movimentos sociais^{vi}.

Para Gohn (1997), a teoria dos novos movimentos sociais desenvolve a construção de um modelo teórico baseado na cultura, na qual a ideologia deixa de ser compreendida como falsa representação da realidade e de estar associada ao conceito de classe social, centrando suas atenções nos discursos como expressões de práticas culturais; a negação do marxismo enquanto campo teórico capaz de explicar a sociedade contemporânea, uma vez que nele há a primazia do mundo do trabalho; a eliminação do

sujeito histórico da transformação – os trabalhadores, o novo sujeito que surge é difuso, não hierarquizado e, ao mesmo tempo em que luta pelo acesso aos bens da modernidade, critica seus efeitos nocivos; a priorização da política na análise, que passa a ser uma dimensão da vida, no âmbito das relações microsociais e culturais; e a análise dos “atores sociais” por suas ações coletivas e pela identidade criada pelos grupos, no processo de sua constituição.

É esse, em traços gerais, o debate instaurado sobre a Educação Popular e os movimentos sociais, no qual se incluem os movimentos da juventude, conforme se destacou na introdução. As matrizes teóricas da Educação Popular e o papel atribuído aos movimentos sociais das classes populares entram em crise. Muitos dos intelectuais orgânicos assumem outro ideário, a dimensão cultural ganha um destaque forte, os vínculos entre a EP e a cultura distanciam-se da política, a dimensão da luta das classes organizadas perde importância, as categorias trabalho e classe social perdem força na análise da realidade, o conceito de povo e de popular passa a ser rediscutido.

É justamente pelo atual debate instaurado, que desampara em nível teórico, que não é possível tratar de forma homogênea as respostas à hegemonia do capital pelos diferentes movimentos sociais populares e nem tampouco que se fale apenas discursivamente sobre a concepção de Educação Popular. É necessário o estabelecimento de relações entre o campo político, econômico e sociocultural de cada contexto, o movimento das classes populares e a concepção de Educação Popular que busca efetivar-se.

Conforme analisado em outra pesquisa, é muito plausível o estabelecimento

de relações entre a hegemonia da ideia de que o capitalismo é única forma possível de sociabilidade humana, as transformações ocorridas no mundo do trabalho, a crise da esquerda, o debate em torno da perda da centralidade do trabalho, as consequências sociais, econômicas, políticas e culturais das novas configurações do capitalismo, a partir da década de 1970, e as novas configurações dos Movimentos Sociais. A partir desse lineamento interpretativo, os NMS podem ser compreendidos como intrinsecamente ligados ao modo de produção capitalista, mais precisamente, a mercantilização da vida, que, na atualidade, expande-se em todos os sentidos, dimensões e direções, e ao papel desempenhado pelos Estados nacionais nesse processo. O que se tem, no interior do “sistema metabólico do capital”, é uma reação, não mais somente dos movimentos sociais da forma como se constituíram historicamente na América Latina. O que se observa é a emergência de novos sujeitos, cuja resistência faz frente a “todos e tudo virarem mercadorias”. No interior das redes, o que existe é a

disputa de hegemonia porque, se alguns desses movimentos não mantêm o corte de classe e a dimensão do projeto estratégico, outros, como o Movimento Sem Terra, no Brasil, continuam com a convicção de que sob o modo de produção do capital não há possibilidade de uma vida boa para a humanidade e que as possibilidades de transformação vêm, de qualquer modo, do mundo do trabalho e não do capital. (PALUDO; MACHADO, 2013, p. 71-72)

Como foi possível verificar, o Levante Popular da Juventude se constituiu nesse período, no qual os movimentos de juventude, mas não apenas, eles encontram-se fragmentados e dispersos. Um período de vivências fortes no embate teórico, em torno de teorias explicativas da realidade e conseqüentemente de caminhos de intervenção, no rumo das transformações necessárias a preservação dos direitos fundamentais do gênero humano.

4 LEVANTE DA JUVENTUDE: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

A experiência do Levante Popular da Juventude^{vii} como um movimento social de base popular, suscita reflexões sobre a Educação Popular, especialmente pelo momento histórico em que emerge, como se analisou anteriormente, e por sua organização diferenciada de outros movimentos de base popular.

Como se destacou no primeiro item deste artigo, o processo de expansão, acumulação e financeirização do capital após a década de 1970 impulsionou mudanças significativas não apenas na esfera da produção, como também no âmbito da cultura e da política. No Brasil, esse período é também caracterizado pelo processo de abertura democrática e consolidação da democracia formal. Para os movimentos sociais de base popular, além dos aspectos citados, o fim do socialismo real tem um impacto negativo na organização dos trabalhadores, pois impulsionou a crença na inexorabilidade do capitalismo como sistema hegemônico e na impossibilidade de sua superação, o que dificulta, desde então, a possibilidade das utopias e da disputa por outro projeto de sociedade.

Os movimentos de juventude, como demonstra Sposito (2000), passam, assim, a se caracterizar pela fragmentação e individualização das pautas, com predomínio dos movimentos culturais. Além disso, como destaca Sofiati (2008), a partir dos anos 2000, os espaços religiosos, especialmente os carismáticos e pentecostais, passam a

*Conceição PALUDO, Magda Gisela Cruz dos SANTOS, Paulo Eduardo Dias TADDEI
A educação popular no levante popular da juventude do Rio Grande do Sul: renovações e permanências*

predominar como espaços de socialização dos jovens. A partir desse período, os próprios conceitos de movimento social e de Educação Popular são ressignificados, como já destacamos no segundo item deste artigo.

Os resultados da pesquisa realizada, cuja metodologia foi explicitada na introdução, demonstram que o Levante Popular da Juventude é um movimento social que se diferencia significativamente dos demais movimentos de juventude da atualidade, pois expressa uma síntese desse processo com experimentações significativas para o campo dos movimentos de base popular. Ainda que em sua perspectiva mantenha alguns dos pilares dos movimentos sociais populares, incorpora características dos denominados novos movimentos sociais e assim apresenta novidades no que se refere à forma como vai se instituindo e realizando o processo formativo dos jovens.

O Levante^{viii} é um movimento social, cuja fundação ocorreu em 2006, como uma das demandas da Consulta Popular^{ix} e Via Campesina^x. Segundo os documentos e o relato dos sujeitos da pesquisa, no início dos anos 2000, a Via Campesina já realizava encontros de formação da juventude com o objetivo de fortalecimento da identidade desse segmento do movimento social. No encontro realizado no Estado do Rio Grande do Sul em 2005, a Consulta Popular define a necessidade de organização da juventude da classe trabalhadora, especialmente das periferias, ação considerada fundamental para a construção de um projeto social contra-hegemônico, naquele período histórico em que as contradições entre capital e trabalho acirravam-se em decorrência do neoliberalismo. Tanto a Via Campesina quanto a Consulta Popular compõem o campo de forças que realizam o exercício da contra-hegemonia na perspectiva da transformação social, na construção de um novo projeto de sociedade.

Ambas as organizações apresentam como um dos seus pilares a Educação Popular, basicamente como na concepção formulada anteriormente ao debate de sua ressignificação. O Levante Popular da Juventude no estado do Rio Grande do Sul manteve o objetivo inicial, posto por estas organizações, de reunir jovens do campo e da cidade em torno de um projeto contra-hegemônico de base popular, e esse foi o elemento que manteve sua identidade com os movimentos sociais que foram à fonte de sua origem.

Outro elemento importante de identidade decorre das Pastorais da Juventude dos anos 1960 e 1980: o método, forma de organicidade (organização) e valores: amizade, troca, compartilhamento da vida, vivência e acompanhamento. A “cultura” da Pastoral da Juventude, de reunir pequenos grupos e fazer um debate, é destacada por todos os entrevistados como “determinante” na formação do Movimento. Violão, alimentação coletiva e espaço aconchegante faziam parte da mística dos encontros na Pastoral. Nas entrevistas, esse aspecto aparece como um elemento importante na “reconstrução da teia social”, em direção à agregação dos jovens.

Todos os elementos de simbologia, elementos de mística vinham desse campo. Eu acho que essa é uma marca fundamental, por exemplo, essa questão da igreja, não é bem igreja, é o processo das pastorais; pastoral da juventude é um DNA que a gente herda desse processo de constituição de grupos de base, um trabalho associativo, o processo organizativo se dá muito mais pelo estabelecimento de vínculos entre os jovens, vínculos afetivos e tal, de relacionamento, que seja econômico, seja político. Então essa cultura das pastorais, esse trabalho de atuar nas comunidades, nos bairros, fazer relação com as associações de moradores. Trabalhar essa estética. Isso não é só estética, mas é o processo da agitação.[...] O que mais caracteriza esse elemento da agitação, ou seja, de colocar os jovens em movimento, de expressar a partir da arte da música, da percussão... O método, nossos signos... Acho que essas heranças eu vejo como constitutivas da nossa identidade – A Via Campesina, as pastorais de juventudes e as organizações latinas no campo da agitação (Entrevistado LU).

Embora tenha sido impulsionado pela resposta da Consulta Popular e da Via Campesina ao processo de desgaste dos movimentos populares e fragmentação das organizações dos trabalhadores, desde suas primeiras ações coletivas, o Levante procurou vivenciar o protagonismo dos jovens em sua organização e ainda que inicialmente não houvesse uma intenção, foi se tornando um movimento autônomo. Essa autonomia, no entanto, não ocorreu por um processo de ruptura com essas organizações, mas, sim, pelo processo de constituição de uma dinâmica organizativa própria do movimento e pelo intuito dos jovens de garantir seu protagonismo.

Os entrevistados enfatizam que desde seu início houve por parte dos jovens a preocupação em garantir seu protagonismo no movimento que ia se constituindo:

[...] é o fato de tu criares um movimento de juventude, construir um processo com a juventude, e não esvaziar ele, assim que tu formas militantes. Porque isso é uma coisa muito comum de acontecer, pelo
Conceição PALUDO, Magda Gisela Cruz dos SANTOS, Paulo Eduardo Dias TADDEI
A educação popular no levante popular da juventude do Rio Grande do Sul: renovações e permanências

menos nós avaliamos, tu formas aí um jovem dois ou três anos, o cara se destaca um pouquinho, aí tu vais botar o cara virar assessor de não sei o que, ou vai entrar para o movimento sindical, ou vai construir o MTD^{xi}, não, né?! Sempre se teve nesse grupo aí, eu acho nesse grupo inicial a preocupação de que o jovem que se organiza ele tem que trabalhar com jovens, ele tem que se manter no movimento para fazer o movimento crescer [...] (Entrevistado LU).

Em nossa análise, foram as decisões de manutenção da autonomia e do protagonismo dos jovens que possibilitaram, nesse processo, que o Levante passasse a constituir uma forma organizativa própria, elemento que destaca a sua singularidade frente às organizações de jovens que ocorrem no interior de outros movimentos sociais, ainda que mantenha o vínculo com a perspectiva política dessas organizações.

Na ocasião em que a Consulta Popular sugere a organização dos jovens, havia um consenso sobre a importância dessa organização, porém, não se tinha uma definição sobre a forma de organização e atuação desse Movimento, o que, segundo os entrevistados, foi se constituindo em um processo experimental protagonizado pelos próprios jovens.

O processo foi pouco intencional, ele foi muito de experiência, muito laboratorial nesse sentido. Porque não foi um processo altamente refletido, estruturado. [...] Havia um pouco dessa leitura que o [Entrevistado LA] resgatou, no sentido de constituir uma estratégia, de como incidir em setores estratégicos. Os quadros dos movimentos sociais, da Consulta Popular, viam isso e identificavam a juventude, em especial na juventude urbana, um grande potencial e que era necessário construir uma ferramenta de referência para esses setores. Só que o processo de como construir essa referência é que foi totalmente experiencial. Até aí tinha a intencionalidade, temos que construir uma referência, mas o método de construção foi muito laboratorial nesse sentido. Tiveram várias experiências (Entrevistado LU).

O caráter experimental destacado pelos jovens refere-se também à preocupação apresentada em uma das falas dos entrevistados, de não reprodução dos métodos de organização de outros movimentos, como por exemplo, o movimento estudantil. Os entrevistados citam esse caráter experimental como a ‘riqueza’ da experiência do Levante “[...] essa é a riqueza do Levante. Nunca foram estabelecidos critérios a priori; qual é o critério a priori, qual é critério que nós tínhamos? (...) reunir a juventude, voltar e discutir a vida real das pessoas” (Entrevistado A).

Desta maneira, com o objetivo principal de mobilizar e organizar os jovens, o método e as pautas do Movimento foram definidos no decorrer das ações realizadas, priorizando sempre as ações de massa. A principal intenção era mobilizar os jovens do campo e da cidade já que, segundo os entrevistados, na avaliação do movimento naquela conjuntura, essa seria a prioridade, uma vez que “[...] *as organizações não faziam grandes movimentações sociais, então todo mundo estudava muito entre 2005 e 2008 [...] A luta serviria para o processo organizativo*” (Entrevistado R). O mesmo entrevistado destaca que adesão ao movimento também ocorria em caráter experimental, pois no início até mesmo as intencionalidades das ações não se apresentavam muito claras para todos participantes do grupo.

[...] isso também tem uma cultura dos movimentos sociais de fazer luta, na primeira movimentação nós iríamos fazer uma luta, com uma grande quantidade de pessoas, não se determinou, mas uma luta massiva. E a gente começa a entrar na conjuntura, sobre educação. Em função disso a gente pega e olha a conjuntura: naquele momento a gente movimentou para fazer um recorte rápido, 700 pessoas de escolas públicas e dos acampamentos e assentamentos aqui da região. Porque depois, quando esse pequeno grupo que foi tirado voltou e sentou, viu que deveria fazer algo em torno da educação, foi uma ideia bem simples: “Ah! Vamos movimentar um monte de gente nova. Mas como? Para fazer uma luta. Mas não sei o que a gente vai fazer. Vamos convidar esse pessoal para visitar a universidade. Mas o que a gente vai fazer na universidade?”

Como se observa, o movimento entendia que o próprio processo organizativo garantiria a formação necessária naquele momento, assim, ao longo de sua trajetória, foi incorporando novas pautas da juventude e definindo seus métodos e suas formas organizativas, a partir de suas ações práticas, das atividades de mobilização das massas de jovens.

A primeira meta do movimento é definida ainda em 2005: a organização do acampamento de fundação do movimento, que ocorreu em 07 de fevereiro de 2006 em um evento paralelo ao Encontro da Via Campesina. O encontro reuniu 700 jovens do Estado, tendo presentes jovens camponeses, que em parte já participavam de movimentos sociais do campo, jovens da periferia urbana e universitários. Foi nesse encontro, segundo os entrevistados, que o movimento começou a construir sua identidade e foi se tornando mais claro para os jovens que aderiam ao mesmo, o que

representava a perspectiva contra-hegemônica, a qual o movimento que estava a se constituir identificava-se.

É nesse momento que se destaca a preocupação com formação de novos militantes, a partir do trabalho de base realizado pelas células^{xii}, fundamentados nos valores de vivência, partilha e amizade. Nesse movimento o Levante amplia sua representatividade e renova em termos de movimento de juventude, consolidando os acampamentos como instrumento de massificação e formação. Esses acampamentos apresentam um caráter massivo, pois reuniram e reúnem em torno de 500 jovens e servem como um espaço de apresentação da organização, análise da conjuntura, avaliação das ações realizadas e planejamento de novas ações. Para a realização do acampamento, as tarefas são divididas entre cada um dos municípios participantes, desde a mística, a alimentação, a organização da infraestrutura, a ornamentação, a mobilização, a arrecadação de recursos para financiar o encontro, o deslocamento, etc. Esta dinâmica constitui-se em uma forma de inserir os jovens coletivamente na construção da organização do movimento.

A forma de adesão dos jovens ao movimento também demonstra uma peculiaridade, pois apesar de inspirar-se na prática das Pastorais de base, não priorizou a formação de cunho mais teórico e sim as atividades políticas e culturais. O estudo teórico é feito de forma mais individual, pela trajetória universitária de alguns integrantes do movimento. O próprio objetivo das lutas é fomentar o processo organizativo a partir da reconstituição da “teia social”, o que aparece como preocupação central do movimento.

[...] a cultura organizativa, em minha opinião, e nisso o Rio Grande do Sul tem uma contribuição, mas a teia social é um pouco mais forte, e quando os quadros pegaram essas tarefas eles começaram a dar consequência organizativa para isso. A simples consequência organizativa, tu organiza um grupo e o que tu faz desse grupo depois? Tu tira referências para esse grupo continuar se pensando, não tinha nenhuma orientação do que fazer, era assim: temos que chegar do outro lado, nós estamos aqui e tem um mato na frente (Entrevistado R).

A preocupação com a elaboração de um método que parta da experiência e não de uma orientação de cunho mais geral e de centrar na ampliação do que chamam de “teia social” implicou na ênfase do pragmatismo^{xiii}, que pode ser observado também nas formas de atuação do Levante e, sobretudo, implica no risco do Movimento pautar-se

por um recuo da teoria, uma das características centrais da agenda pós-moderna destacada por Moraes (2004).

Embora para a Via Campesina e para a Consulta Popular estivesse clara a necessidade de uma organização de jovens na perspectiva radical, com base nas entrevistas e na análise dos documentos que registram as primeiras atividades realizadas pelo movimento, pode-se perceber que nem todos os jovens que aderiam tinham clareza sobre o que representava essa perspectiva e que as atividades culturais e a sociabilidade do grupo eram os aspectos predominantes na adesão ao mesmo.

[...] quando eu entrei no Levante, por exemplo, eu não entrei no levante porque era o movimento revolucionário, com o seu melhor programa socialista... [...] Eu entrei por essas outras coisas, essas outras experiências, de cunho da mística, da forma de resgatar a sociabilidade, da forma de lidar, das propostas concretas, ou seja, sai daquele mundo estratosférico que a maioria, que até hoje certa parte da esquerda vive (Entrevistado A).

Com uma maior ênfase nas pautas culturais, principalmente educação e lazer, o Levante passa a se preocupar com as questões de gênero, as questões raciais e questões relativas à mídia e a cultura de massas, e assim se caracteriza pela concomitância de várias pautas que não necessariamente são abordadas a partir de seu vínculo com o mundo do trabalho. O que não significa, de acordo com os documentos e entrevistas, a negação da importância do mesmo para os jovens, assim como a negação da classe social para a leitura da realidade.

No tocante à Educação Popular, a análise da trajetória do movimento expõe que as atividades de mobilização dos jovens, entendidas como “agitação e propaganda”, sempre foram priorizadas em relação às atividades de formação. Tal estratégia talvez tenha relação com o uso de táticas diferenciadas como o *escracho*, pichações, teatros, fotografias, música, simbologia, projeção de valores pela política para ações de mobilização, ruptura e resistência, rompendo com a “tradição de agitação” utilizada pela própria esquerda. Normalmente são protestos importantes, com grande participação e que expressam uma inconformidade com o sistema político, cultural e econômico. O *escracho* aos torturadores, por exemplo, foi o primeiro grande ato como marco da nacionalização do Movimento, aconteceu em quase todos os estados em que o Levante estava organizado e também influenciou a conjuntura nacional acerca do debate da

Memória, Verdade e Justiça; da cúpula dos povos; do dia Internacional da violência contra a mulher; do escracho à Rede Globo; do encontro da Marcha das Mulheres, da Marcha MST; dos 50 anos do Golpe Civil Militar, etc.

Evidencia-se que o movimento tem por objetivo central fomentar o processo organizativo dos jovens e assim opta pelas ações políticas, entendidas enquanto processos formativos, em detrimento do estudo teórico. A formação de cunho mais teórico fica praticamente reduzida à trajetória individual dos participantes, que em parte participam de outros espaços como as universidades e cursos de formação oferecidos por outros movimentos sociais.

O processo formativo não é estudado, isso sempre foi muito claro para nós. O processo formativo é o processo formativo daquele indivíduo como militante, no qual o estudo deveria fazer parte. Porém nós tivemos sempre uma visão desse processo formativo e agora eu acho que a gente tem alguns desdobramentos mais no nível da teoria. A gente teve muito essa visão de que o processo formativo se dá no espaço da organização, no processo de aprender a coordenar, no processo de aprender a dividir tarefas, no processo de aprender a mobilizar pessoas. E esse sempre foi o foco do processo formativo, a gente sempre pensou a formação a partir disso. E do ponto de vista, digamos assim, de quando a gente fazia encontros e as formações, elas basicamente se davam assim: os momentos formativos, de explanação de discussão (Entrevistado L).

O processo formativo do Levante é muito diferenciado das outras organizações de juventude, porque não foi centrado na formação teórica, não foi centrado no estudo. Mas a diferença do processo formativo inclusive tem um fato sui generis que recorta bem essa situação: em 2008 iria ter um grande curso na Florestan Fernandes para várias lideranças da América latina. O JP e o FS estavam articulando isso e, naquele momento, nós iríamos ficar socados três meses estudando, mas nesse meio tempo estava se organizando o plebiscito da Vale do Rio Doce em todo o Brasil. O E chegou e o JP e o F tinham articulado para mim ir e estudar a América Latina, revoluções e não sei o que. Só que quando veio a demanda do plebiscito, o E viu de outra maneira: “olha, esse vai o principal processo formativo dessa gurizada”. E tiraram eu dali e tal. O grupo naquela época era muito frágil. Era o L, mais um ou dois. O E trancou o pé naquele momento e não deixou que a gente fosse estudar. Nós tocamos o plebiscito da Vale do Rio Doce que foi na época, grosso modo, um dos pontos proeminentes do Levante. Foi o que fez o Levante dar um salto de qualidade organizativa. Isso é o recorte da nossa formação, esse fato recorta um pouco nosso processo de formação. (Entrevistado R)

Como foi possível analisar ao longo da pesquisa, algumas características do movimento explicitam seu vínculo com os demais movimentos sociais populares brasileiros e latino-americanos e com os fundamentos da Educação Popular: a intencionalidade de protagonismo e organização dos jovens trabalhadores, a autonomia, a unidade, a simultaneidade das lutas e a perspectiva de um novo projeto de sociedade.

Para esse intento, o método constitui uma ferramenta fundamental.

Eu acho que uma das coisas mais fortes, nisso que o A estava falando, é a questão do método. Às vezes eu acho que a gente até fala, mas eu acho que a gente acaba buscando a prática muito mais que a teoria, acho que é a cultura da pedagogia do exemplo, acho que isso é uma coisa que o Levante construiu na prática, construiu como prática. Não sei exatamente o porquê que isso aconteceu, não sei em que momento (Entrevistado LA).

No entanto, se observou ao longo da análise dos documentos e das entrevistas, que as dificuldades que o Movimento encontra na organização de espaços de formação continuada dos jovens, não raras vezes, acaba limitando suas ações a pautas imediatas da juventude, sem recorrer a uma análise mais aprofundada sobre, por exemplo, qual o papel da educação dos jovens na construção de um novo projeto de sociedade, ou qual educação serve a este projeto de uma nova sociedade, bem como o que significa essa nova sociedade na perspectiva da Educação Popular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Levante Popular da Juventude adere a algumas das características centrais dos denominados novos movimentos sociais, como a prioridade da política na análise das práticas sociais, a atenção nos discursos como expressões de práticas culturais e a aposta na dimensão afetiva, ainda que a razão não seja secundarizada. No entanto, não se pode afirmar que em sua totalidade enquadra-se nesta definição, pois não nega a leitura da realidade tendo por base a classe social, os trabalhadores como sujeitos históricos da transformação social, e ainda que tenha por foco demandas imediatas dos jovens e não apresente uma ênfase na formação de caráter mais geral como elemento de construção de um projeto global contra-hegemônico, afirma essa necessidade, o que se pode evidenciar nas falas dos entrevistados, assim como nos documentos. Por isso mesmo

pode-se concluir que o Levante se esforça na tentativa de fazer uma síntese: de um lado adota a tradição marxista no que se refere à perspectiva de classe e de projeto social e, de outro, renova, integrando com grande densidade no processo as pautas culturais. O Levante parece caminhar na direção de superar, ainda que no plano da prática-experimentação, as dicotomias, buscando articulações das dimensões econômicas, culturais e políticas para a análise e intervenção na realidade, embora a teorização sobre essa nova síntese ainda ser incipiente.

No tocante a Educação Popular, embora existam alguns cursos e orientações específicas, não apresenta debate coletivo. A análise realizada sugere que a maior educação efetivada seja o processo de construir a juventude como protagonista: na leitura e constituição da realidade sociocultural, com perspectiva de intervenção e direção da vida social (outra sociabilidade). Nesse movimento a formação dos jovens vai acontecendo, tornado o processo organizativo e de lutas do próprio Movimento como essencialmente formador. O desafio parece ser o de articular a esse movimento formativo uma reflexão teórica mais densa, como forma de potencializar a intervenção dos jovens na realidade, tanto individual quanto coletiva.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **A história da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Instituto Cidadania, 2005.

AMADEO, J. Mapeando o marxismo. In: BORON, A.; AMADEO, J.; GONZALEZ, S. **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 51-97. Tradução de Simone Rezende da Silva e Rodrigo Rodrigues.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BONETI, L. W. Educação e movimentos sociais hoje. In: JEZINE, E.; ALMEIDA, M. de L. P. de (Org.). **Educação e movimentos sociais**. São Paulo: Alinea, 2007. p. 55-73.

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CONSULTA POPULAR. **Por um projeto popular para o Brasil**. Disponível em: <www.consultapopular.org.br>. Acesso em: 10 de ago. 2015.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERNANDES, B. M. Via Campesina. In: CALDART, R. S. et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FILHO, M. Z. **A esquerda pós-comunista no Brasil**. In PÉRICAS, Luiz B.; B, Paulo (Org.). América Latina: história, ideias e revolução. 2 Ed. São Paulo: Xamã, 1998.

GOHN, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GONTIJO, M. J. **Derrubando reitores e presidentes: as representações e a história do movimento estudantil na UCG (1989-1992)**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2011.

GREGORIO, M. de F. A. D. **Com lenço e sem documento: identidades, ideário e relações familiares na luta e repressão política à juventude universitária católica**. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 25. ed. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HOBBSBAWM, E. Adeus a tudo aquilo. In.: BLACKBURN, R. [Org.]. **Depois da queda: o fracasso do socialismo e o futuro do comunismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Tradução de Luis Krausz, Maria Inês Rolim e Susan Semler.

ITABORAHY, L. C. **O horizonte da juventude na educação e pastoral populares história, diálogo e configuração de medellín a puebla (1968-1979)**. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LIMA, F. C. G. **Pastoral de juventude do meio popular: práticas educativas e cidadania**. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MORAES, M. C. M. de. O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, UFMA. v. 34, n. 122, p. 337-357, mai./ago., 2004.

PALUDO, C.; MACHADO, R. C. Reflexões sobre os Movimentos Sociais Latino-americanos e a Educação Escolar. **Ideação**, v. 15, p. 63-81, 2013.

PALUDO, C. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cadernos CEDES**, v. 35, p. 219-238, 2015.

SANTOS, J. de S. O papel dos movimentos socioculturais nos anos de chumbo. **Baleia na Rede**, vol. 1, n. 6, 2009.

SOFIATI, F. M. A juventude no Brasil: história e organização. **Passagens de Paris**, v. 2008, p. 1-14, 2008.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 22. Caxambu. **Revista Brasileira de Educação**. Caxambu: 2000.

STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (Org.). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UNESCO. MEC. CEAAL. **Educação Popular na América Latina: desafios e perspectivas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2005.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia e circunstâncias**. Tradução Luiz Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WEISSHEIMER, M. A. Levante Popular da Juventude quer renovar práticas da esquerda. **Carta Maior**, 22 out. 2012. Disponível em:
<<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Levante-Popular-da-Juventude-quer-renovar-praticas-da-esquerda%0d%0a/4/26268>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ⁱEm consulta ao banco de Teses e Dissertações da CAPES entre os meses de agosto e setembro de 2014, foram encontrados os seguintes trabalhos sobre o movimento da juventude no Brasil, cuja análise foi importante para a escrita desse artigo: Gontijo (2011); Lima (2012); Itaborahy (2012); Gregoryo (2011). Além destas, a pesquisa “Retratos da juventude brasileira” realizada pela fundação Perseu Abramo e o artigo de Marília Sposito (2000), contribuíram para a compreensão da influência das transformações das últimas décadas para as organizações da juventude e seus diferentes espaços de sociabilidade. Outra pesquisa que se constituiu em uma referência importante para este estudo apresenta-se no artigo de Sofiati (2008).

ⁱⁱ Foram lidos 42 documentos: atas de reunião da executiva; textos de orientação do trabalho; textos de orientação política; planejamentos; pautas de reunião; planejamentos da formação; planejamentos dos acampamentos; textos de análise de conjuntura e textos de avaliação do trabalho realizado.

ⁱⁱⁱ Foi realizada entrevista semiestruturada com cinco coordenadores estaduais do Levante Popular da Juventude. O objetivo central da entrevista foi investigar a trajetória histórica do movimento, seu método de organização e os processos formativos. Dessa forma, a entrevista teve por eixos: 1- História do movimento e do engajamento dos entrevistados; 2- Método de organização do movimento; 3- Concepções e práticas formativas.

^{iv} Teoria Crítica é a denominação dada ao conjunto da obra da chamada Escola de Frankfurt, cujo nome era Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, o qual foi fundado em 1923, tendo como expoentes Horkheimer, Adorno, Walter Benjamin, Marcuse, Fromm, dentre outros. “O ensaio Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937), de Horkheimer, pode ser considerado o verdadeiro ‘manifesto’ da Escola de Frankfurt, na medida em que aborda uma questão comum aos diversos autores: a relação da filosofia com a história. [...] Em que pesem as diferenças entre os diversos autores, unificam a crítica à noção de progresso, tanto em sua forma hegeliana quanto marxista. [...] Para a teoria crítica, é preciso delinear uma nova figura da razão e da racionalidade que reconcilie o sujeito e o objeto, o homem e a natureza, o corpo e a alma. É preciso que se reunifiquem Eros e Logos, tornados antagônicos pela civilização repressiva” (ABRÃO, 2004, p. 459-463). Diz, ainda, Amadeo (2006, p. 70): “O núcleo do que será conhecido como ‘a teoria social crítica da Escola de Frankfurt’ será a análise da transformação do capitalismo liberal do século XIX em democracias de massas, e também em sociedades totalitárias do tipo fascista e nazista”.

^v “[...] o pensamento pós-moderno lança mão de outras negações, como as da superação, história, sujeito, progresso, novidade, etc., aproveitando neste terreno o que já fora semeado, como demonstra Vattimo, por Nietzsche e Heidegger” (VÁSQUEZ, 2002, p. 417).

^{vi} A partir da crítica ao paradigma marxista, assim como às teorias desenvolvidas pelos paradigmas norte-americanos, de acordo com a autora, nos anos 1960, foi formulada a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS), que obteve uma grande receptividade no Brasil e na América Latina.

^{vii} “O Levante Popular da Juventude surge no Rio Grande do Sul em 2006, como um movimento estadual. Em outros estados, já havia mobilizações com a juventude, que eram chamadas de juventude do campo com a cidade, mas ainda não havia uma proposta organizativa. O Rio Grande do Sul transformou essa mobilização em um movimento social autônomo da juventude. Passaram-se cerca de cinco anos até que, em 2011, iniciou um processo de nacionalização do Levante, juntando experiências parecidas do mesmo campo político. Assim, o Levante se constituiu em dezessete estados. O marco de lançamento dessa nacionalização ocorreu em fevereiro de 2012, quando realizou um acampamento nacional em Santa Cruz do Sul que reuniu em torno de mil jovens desses estados. A partir dessa nacionalização, se constituiu uma organicidade nacional, com uma coordenação representativa desses estados e desses movimentos. Essa coordenação nacional começou a elaborar a estratégia da organização” (WEISSHEIMER, 2012).

^{viii} O grupo inicial era composto por dois jovens participantes da Pastoral da Juventude, um participante do Movimento dos Trabalhadores Desempregados, um participante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e um jovem universitário. O grupo, que ainda não havia definido claramente seus objetivos e formas de atuação, começou suas atividades realizando encontros com jovens da periferia de Porto Alegre, nos salões das comunidades católicas. Em um desses encontros no Morro da Cruz, por sugestão de um dos jovens, o movimento passou a denominar-se Levante e mais tarde Levante Popular da Juventude, já destacando sua vinculação com a perspectiva de um movimento social popular.

^{ix}A Consulta Popular é uma organização que surge em 1997, impulsionada pelos movimentos sociais, especialmente o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Recusando os pressupostos neoliberais da política como a “arte do possível”, a Consulta Popular procura retomar o trabalho de base, da formação e das lutas de massas, e contribuir na construção de um Projeto Popular para o Brasil protagonizado pelo povo brasileiro (CONSULTA POPULAR). Disponível em: <www.consultapopular.org.br>. Acesso em: 10 de ago. 2015.

^xA Via Campesina é uma organização mundial que articula movimentos camponeses em defesa da agricultura familiar em pequena escala e agroecológica para garantir a produção de alimentos saudáveis. Em suas ações e documentos, a Via Campesina tem se manifestado contra a padronização das culturas, o produtivismo, a monocultura e a produção unicamente para exportação, características do modelo de desenvolvimento do agronegócio. A Via nasceu em 1992, quando várias lideranças camponesas dos continentes americano e europeu que participavam do II Congresso da Unión Nacional de Agricultores y Ganaderos de Nicaragua (UNAG), realizado em Manágua, propuseram a criação de uma articulação mundial de camponeses. A proposição foi efetivada em 1993, com a realização, em Mons, na Bélgica, da I Conferência da Via Campesina (FERNANDES, 2012, p.767).

^{xi}O MTD, antigo Movimento dos Trabalhadores Desempregados, atualmente MOB, Movimento de Organização de Base, é um movimento social que também surge como uma das demandas da Consulta Popular, a organização dos trabalhadores desempregados ou em condições de subemprego.

^{xii}O Levante Popular da Juventude se engaja num conjunto bastante diverso de lutas. É organizado a partir de células, que são grupos de jovens militantes que estão inseridos em algum território: universidades, assentamentos, bairros ou comunidades. Essa célula tem a tarefa de fazer trabalho de base e estimular as lutas nestes locais, procurando mobilizar os jovens destes espaços. Os setores envolvem as frentes com questões camponesas, questões urbanas, questões étnico raciais, diversidade sexual, movimento estudantil e frente feminista, além dos coletivos de formação, comunicação, agitação/propaganda e finanças. Dessa forma, sua organicidade em nível estadual (secretaria operativa) está articulada a coordenação nacional, no trabalho de base em formato de células.

^{xiii}Em síntese, a ênfase no pragmatismo consiste na valorização do conhecimento tácito em detrimento do conhecimento científico, teórico, acadêmico, ou seja, é a construção do conhecimento a partir da experiência profissional prática dos professores, a partir de uma visão imediatista do mundo, sem qualquer articulação com algum referencial teórico, alicerçada em uma perspectiva subjetivista, sem respaldo na realidade, que também é descartada para a narrativa pessoal da experiência (MORAES, 2004).

**Artigo recebido em 12/05/2016.
Aceito para publicação em 27/06/2016.**